

● ADN

TWEET



JOÃO CUNHA E SILVA

Um tiro pela culatra

Faz tempo, eram umas 9h, vinha a descer o Caminho da Igreja, no Estreito da Calheta, antes do cemitério. Apesar de rua para dois automóveis tem uma curva que só cabe um. Temos de circular devagar para a hipótese de vir alguém em sentido contrário. No meu caso parei. O ruído do motor que se aproximava sugeria e fiquei a aguardar que passasse.

O recauchutado que subia em alta velocidade, ao travar deixou um rasto de 12 metros (!) no chão e foi bater-me de frente. E eu parado. Fiquei siderado. O condutor que provocou o acidente deu-se, várias vezes, por culpado. Apesar de ser véspera de rali, das fatelas jantes alargadas, do barulhento trabalhar da pileca velha, típicos da excitação naquele período, achei estranho e chamei a PSP. Não o devia ter feito.

Com a chegada da autoridade tudo mudou. O polícia dirigiu-se ao infractor que, após esse momento de intimidade, deixou de se considerar culpado. A conversa privada influenciou e protegeu o transgressor. Nem o excesso de velocidade foi tido em conta. Medido o álcool, nada. Talvez fosse a excitação que contagia alguns “tontinhos” antes do rali. Aceleraram a toda a hora, rebentam o escape e discutem pneus nos cafés.

À conta do relatório policial as seguradoras, convenientemente, repartiram responsabilidades.

Quem sai da igreja desce a pé por onde fiquei parado. Se em vez do carro fossem pessoas estaríamos a falar de atropelamento. Que, face à velocidade, poderia ser fatal. E, aí, já o relato do agente teria de ser diferente.

Enfim, saiu-me o tiro pela culatra. Os “Trabalhadores do Comércio” cantavam a velha música “Chamem a polícia”. Mas, por vezes, está visto, é melhor não chamar.

● ANIMAIS

OS CÃES LADRAM E A CARAVANA PASSA

Não é sabedoria popular: municípios e associações não se entendem na hora de ajudar os animais e, por isso, o problema prevalece. Falta de concertação impede, por exemplo, saber quantos animais abandonados existem ao certo na Madeira, alerta provedor. João Henriques de Freitas defende esterilizações gratuitas para animais com dono

ERICA FRANCO
efranco@dnoticias.pt

Jean McArthur é uma cidadã norte-americana, que reside actualmente nos Países Baixos. Em Dezembro passado, escolheu a Madeira como destino de férias e, apesar de ter “adorado a ilha”, confessa-se surpreendida com o número de animais errantes, nomeadamente em Câmara de Lobos.

“Durante a última semana de férias, a minha prioridade foi alimentar vários cães doentes e/ou malnutridos nas ruas de Câmara de Lobos. Estes cães costumam circular, sobretudo, junto ao Café República, atrás da Igreja de São Sebastião – do outro lado da estrada fica a câmara municipal – e na zona do supermercado Pingo Doce. Houve uma cadela branca que me chamou particularmente a atenção, estava bastante magra e a coxear de uma pata (...). Percebo que os cães de rua não tenham o mesmo tratamento que nos Países Baixos (cresci nos EUA numa quinta e estou habituada a sensibilidades e formas diferente de lidar com os animais), mas esperava que estivessem bem tratados”, denunciou Jean McArthur num e-mail dirigido à Provedoria do Animal na Região Autónoma da Madeira, a 1 de Janeiro de 2023, ao qual o DIÁRIO teve acesso.

Na mesma comunicação, a turista diz ter entrado em contacto com várias associações – nomeadamente com a SPAD - Sociedade Protectora dos Animais Domésticos do Funchal, que tem um protocolo de cooperação com a Câmara Municipal de Câmara de Lobos – tendo obtido invariavelmente a mesma resposta: “estamos cheios”.

“A situação que reporta é um problema nacional, que nós estamos a tentar ultrapassar. Os canis estão cheios e não é possível acomodar mais animais, sem que os que lá estão sejam adoptados. A nossa política é manter nas comunidades animais que vivem

em boas condições e são alimentados pela vizinhança. São os chamados cães comunitários”, justifica o provedor João Henriques de Freitas, na resposta enviada a Jean McArthur, no dia seguinte à queixa. A mesma mensagem de correio electrónico garantia que os cuidados veterinários seriam pedidos imediatamente, tendo o provedor do animal contactado a Câmara Municipal de Câmara de Lobos.

De ressaltar que a norte-americana disponibilizou-se, desde logo, a arcar com os custos dos tratamentos, quer na mensagem enviada à Provedoria do Animal, quer depois junto da própria autarquia.

Numa troca de e-mails posterior – e tendo já identificado o animal em causa – o executivo municipal informou Jean de que o mesmo pertencia a uma pessoa em situação de sem abrigo, pelo que estava a encetar esforços no sentido de encontrar o cão e levá-lo ao veterinário.

“Conforme lhe disse – e também já foi explicado ao provedor – os cães vão atrás deste sem-abrigo e, uma vez que ele deambula por outros concelhos, desaparece durante dias e depois regressa, não sabemos qual o seu paradeiro neste momento”, dava conta a resposta do gabinete da autarquia, a 11 de Janeiro último. O município alegava ainda ter contactado com o dono do animal

que, a despeito da sua situação, não se opunha a que o animal fosse avaliado e, se necessário, tratado pelo veterinário.

Contactada pelo DIÁRIO, na semana passada, a Câmara Municipal de Câmara de Lobos indicou que o cão já havia sido recolhido pela autarquia e estava pronto para ser analisado, sendo que a autarquia – que agradece, não obstante, a “bondade” de Jean – iria assumir as despesas do eventual tratamento.

“É um cão velhote, esterilizado e com chip, que é levado [com alguma regularidade] para desparasitar e tem comida”, clarificou o executivo em declarações ao nosso matutino.

O animal, embora tenha dono, é tratado como um dos vários cães comunitários que a câmara tem a seu cargo, com a ajuda da comunidade local que os acarinha e alimenta. Neste momento, há 150 cães errantes na SPAD a cargo da Câmara Municipal de Câmara de Lobos e, mesmo com ‘lotação esgotada’, “desde que o animal esteja ferido ou doente é sempre recebido”, salvaguarda o município.

Numa nota mais negativa, observa que “o facto de a Câmara Municipal investir na causa animal também leva a que haja mais abandono”, acrescentando que “normalmente são pessoas de fora do concelho” que lá vão deixá-los.

Refira-se ainda que, no âmbito da sua acção, o município de Câmara de Lobos já vacinou 800 animais de companhia.

Quanto ao número de animais abandonados, a média é de “dois a três por mês”, o que “já é demais”, sublinha a autarquia.

Provedor do Animal recebeu mais pedidos de ajuda em 2022

A acção de Jean McArthur vem expor um flagelo que não se cinge, porém, a Câmara de Lobos. “De uma maneira geral, a situação piorou devido à crise económica que vivemos”, constata o provedor do animal na Madeira.

“Tivemos uma vaga de abandonos no ano passado e penso que ainda vai perdurar ao longo deste ano”, frisa João Henriques de Freitas, que ocupa o cargo desde a sua criação em Março de 2021.

Impõe-se a questão: Quantos são, afinal, os animais abandonados na Região?

A pergunta permanece sem resposta. “Nós não temos censos. Não se faz essa contabilização, pelo menos a nível concelhio. As associações obviamente têm uma visão do número de animais abandonados que encontram e nós [Provedoria do Animal] temos uma visão parcial, porque não sabemos de todos os animais que as associações resgatam”, argumenta o dirigente cuja função é “garantir a defesa do bem-estar e a protecção dos animais” na RAM.

A Provedoria do Animal instaurou 95 processos, entre 22 de Julho e 31 de Dezembro de 2021, dos quais 49 foram queixas relacionados com abandono e maus-tratos de animais. Os dados são do primeiro relatório de actividades da provedoria, que precisa que os restantes processos reportam-se a: quatro processos por iniciativa da própria Provedoria do Animal, na sequência de notícias publicadas na imprensa; sete pedidos de informação; 32 pedidos de apoio e três recomendações.

Relativamente a 2022, João Freitas indica que o relatório de actividades da Provedoria do Animal do ano transacto será publicado no Jor-



Cão comunitário em Câmara de Lobos levou turista americana a expor flagelo.